

UM OLHAR DE PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA SOBRE O ABUSO SEXUAL

Annelize Rocha de Oliveira¹; Evelin Patrícia de Jesus Cintra²; Wilma Magaldi Henriques³; Flavio Alves da Silva³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: annelize.ro@hotmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: evelinpsi@yahoo.com
3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: wilma@umc.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: flaviosilva@umc.br

Área de Conhecimento: **Psicologia**

Palavras-chaves: Afetações; Violência Sexual; Escuta.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo muito discutido atualmente, o abuso sexual infantil é uma violência descrita por Moura et. al (2008), como todo ato ou jogo sexual, ocorrido em uma relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parente de sangue ou não) e uma criança ou adolescente. O sujeito que foi abusado quando criança carrega consigo consequências que aparecem a curto e longo prazo, as consequências influenciam diretamente no dia a dia e na conduta do indivíduo para consigo mesmo e para com os outros. (LIRA et.al 2017). Os profissionais de psicologia têm sido cada vez mais requisitados para avaliarem situações de abuso sexual. (PERSOLI; DELL'AGLIO, 2014). Conforme descrevem Marques et.al (2014), as consequências do abuso sexual podem ser agravadas caso a pessoa que sofreu o abuso não receba uma intervenção adequada. Com isso acredita-se que ao se deparar com relatos desse tipo violência em questão, qualquer profissional e em especial os psicólogos, sofrem uma afetação própria. A afetação não trabalhada pode trazer consequências ruins tanto para o paciente em atendimento, como ao próprio profissional. Com isso faz-se relevante refletir sobre as práticas desses profissionais e questionar: Seria possível um fazer "psi" de forma que o psicólogo não fosse de algum modo afetado?

OBJETIVOS

Investigar como os psicólogos são "afetados" através da escuta de relato em atendimentos de adultos que sofreram abuso sexual na infância. Investigar quais os recursos que o psicólogo utiliza para amenizar suas afetações relacionadas à escuta dos relatos de abuso sexual. Estudar quais são as dificuldades enfrentadas pelos psicólogos durante a escuta da queixa do abuso sexual. Compreender quais as principais consequências decorrentes do abuso sexual infantil na vida adulta, segundo os psicólogos participantes da pesquisa.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, conforme proposto por Meihy (1991) e Meihy (1996). A amostra foi constituída por 10 psicólogos que atuam há pelo menos dois no atendimento a pessoas em situação de abuso sexual. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue para cada um dos participantes, contendo informações sobre os propósitos do estudo, e também esclarecimentos necessários úteis na tomada de decisão pela participação voluntária na pesquisa. Os riscos foram

considerados mínimos e os benefícios estão relacionados ao avanço do conhecimento sobre às práticas do profissional de Psicologia no atendimento de adultos que sofreram abuso sexual. A pesquisa foi executada a partir da realização de entrevistas abertas e a partir da seguinte questão disparadora: “Pode me contar sobre suas experiências no atendimento de pessoas que sofreram abuso sexual na infância?” As entrevistas ocorreram de forma individual e foram registradas por meio de um gravador eletrônico. A análise foi realizada a partir da transcrição fiel das gravações das entrevistas, buscou-se as palavras-chaves nos depoimentos que contivessem a questão desta pesquisa, para realização da textualização e posteriormente cartografia (MEIHY, 1991). Em seguida houve os entrelaçamentos de recortes dos depoimentos com reflexões das pesquisadoras, na busca por sentido referente as questões levantadas.

RESULTADOS/ DISCUSSÃO

Foi apresentada pelas depoentes uma impossibilidade da não afetação, sendo esse processo entendido por muitas como processo de contratransferência, que segundo Roudnesco e Eplon (1998), por meio de sua obra intitulada “*Dicionário de Psicanálise*”, conceituam a Contratransferência como “um conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionadas com as transferências de seu paciente”, neste ponto podemos destacar a possibilidade existente de que o inconsciente do analista seja de alguma forma “afetado” pelos conteúdos manifestos pelo analisando. Os relatos das entrevistadas demonstraram existir um sofrimento e um desgaste psicológico ao profissional de psicologia que atua com a demanda de abuso sexual em adultos que sofreram abuso sexual na infância. Desde sempre o psicólogo é orientado a assumir uma postura de neutralidade ou indiferença (não desinteresse) de modo com que deixe de lado seus afetos e sentimentos colocando se na escuta como um profissional imparcial e neutro. (FLORENTINO, 2014). Porém foi verificado existir uma impossibilidade de um fazer psicológico sem que este seja atravessado por afetações. E nessas afetações vários são os sentimentos e emoções experienciados por estes profissionais, que muitas vezes surgem como dificuldades a serem enfrentadas por eles durante a escuta, tais como: raiva, medo, nojo, revolta, sofrimento, choque, sentimento de impotência, insegurança, indignação, empatia, autoconfiança, identificação com o sofrimento entre outros. Freud (1912/2011) destaca que o analista deve ser capaz de usar o seu inconsciente como instrumento na análise, não podendo tolerar em si resistências que afastam de sua consciência o conteúdo percebido por seu inconsciente. O que demonstra que o profissional pode ser também afetado em seu inconsciente ao fazer a escuta, sendo também dotado de emoções e sentimentos, tornando-se assim impossível a não afetação com esse tipo de escuta, principalmente por se tratar de uma questão de violência, onde aspectos inconscientes do analista podem emergir como, por exemplo, o caso do processo de identificação, que segundo Melanie Klein (1955/1991) ocorre quando o indivíduo se identifica com qualidades ou atitudes suas, no outro. Várias foram as maneiras encontradas nos relatos que os psicólogos podem utilizar para amenizar suas afetações tais como: cuidar da saúde física, tirar férias, não trabalhar demais, trabalhar em rede e com apoio dos colegas entre outros, destaca-se a importância do tripé que é respeitado por todas as depoentes sendo a psicoterapia pessoal, a supervisão de casos e o estudo teórico, entre todas as formas citadas. Contudo nos baseamos nos principais referenciais teóricos, e também nas falas das depoentes em questão, para defender a importância existente de que o psicólogo cuide de seu estado psicológico, conseqüentemente ajudando a si mesmo a dar conta do conteúdo escutado e a prosseguir sem deixar-se fragmentar com o sofrimento do outro. Freud (1912/2011) afirma existir um desqualificador quando o analista não consegue lidar com as próprias resistências, e aponta a importância e a necessidade que o profissional passe pela própria análise pessoal: “(...) todo indivíduo que queira efetuar a análise em outros deve primeiramente submeter-se ele próprio a uma análise com um especialista” (FREUD,

1912/2011). Mesmo dada à importância à submissão de um processo psicoterapêutico também ao profissional de psicologia, nem todos os psicólogos entrevistados passam pela psicoterapia pessoal, contudo todos afirmam ter consentimento da importância. Marques et. al (2014) destacam com seriedade a relevância de que este profissional esteja apto para exercer a função, pois o atendimento de qualidade pode produzir bons resultados de elaboração e ressignificação de conteúdos para o atendido, estar apto para ajudar ao outro a alcançar tais progressos, foram aspectos descritos e compreendidos por todas as profissionais entrevistadas.

O abuso sexual infantil mostra-se como um tipo de violência que está de forma assustadoramente muito presente na sociedade, sendo infelizmente ainda mais presente dentro do seio familiar. (MOURA et. al 2008). Lira et.al. (2017) mencionam que as consequências do abuso sexual infantil podem afetar ao indivíduo em diversos aspectos de desenvolvimento podendo resultar em prejuízos que se prolongam até a vida adulta e representando fator de risco para o desencadeamento de diversas alterações tais como depressão, ideias suicidas, ansiedade, transtorno pós-traumático, entre outros. Muitas dessas consequências foram percebidas e citadas pelas psicólogas entrevistadas, onde as depoentes destacaram haver uma singularidade em cada caso, mas associaram haver vários dos sintomas negativos citados, decorrentes a violência do abuso sexual infantil em comum em seus pacientes e clientes adultos. Com isso foi possível observar através da ótica e experiências das psicólogas entrevistadas, que muitas são as consequências negativas na vida do adulto que sofreu o abuso sexual na infância, entre as principais consequências destacam-se os sofrimentos em forma de culpa, vergonha, insegurança, raiva, medo, desesperança, dificuldades na vinculação, dificuldades na vida amorosa e/ou sexual, tendências a depressão, ao suicídio, a psicoses entre outros.

CONCLUSÃO

Muitos questionamentos e pontos de vistas foram encontrados durante o decorrer da análise, tanto das depoentes como também das autoras, chegando a um desfecho de que de fato os profissionais que atuam com atendimento de adultos que sofreram abuso sexual na infância são afetados com uma série de sentimentos, havendo uma impossibilidade de não serem, principalmente por se tratar de uma questão de violência e por resultar tanto sofrimento e consequências negativas para o sofrente. As depoentes mencionaram em relatos utilizarem de uma série de recursos para amenizar suas afetações que por vezes surgem como dificuldades a serem enfrentadas no momento da escuta, para assim oferecerem um atendimento de qualidade, entre todas as alternativas destacaram-se o tripé analítico: psicoterapia pessoal, estudo teórico e supervisão de caso. O abuso sexual infantil pode afetar o indivíduo com consequências a curto, médio e longo prazo, representando fator de risco para o desencadeamento de diversas alterações tais como depressão, ideias suicidas, ansiedade, transtorno pós-traumático, entre outros, por isso este grupo demanda de uma atuação especializada de psicólogos. Com isso, faz-se mais que necessária a ação dos psicólogos através de intervenções psicológicas tanto com o intuito de tratar, como com ações preventivas, o que também demonstra a necessidade de um olhar específico de estudo e tratamento para a figura do abusador. Ser psicólogo é saber que vai ser afetado, principalmente quando se trata de violência, como no caso do abuso sexual, é se preparar e adquirir a capacidade de abdicar de seus conteúdos pessoais no momento da escuta através de um cuidado consigo mesmo, para cuidar e tratar da dor do outro.

REFERÊNCIAS

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. Abuso Sexual, crianças e adolescentes: Reflexões para o psicólogo que trabalha no CREAS. Fractal: **Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v.

26, n. 1, p.59-70, jan./abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922014000100006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso 15 maio 2018.

FREUD, Sigmund. **Recomendações ao médico que pratica psicanálise (1912)**. Obras Completas. Observações Psicanalíticas sobre um caso de Paranoia Ralado em Autobiografia (O caso Schreber") Artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). v.10. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2011. p.371-398.

MARQUES, Gilsiane Maria Vasconcelos; FEIJÃO, Georgia Maria Melo; TELES, Mayara Soares Brito; BEZERRA, Doriane Prado Mouta. In: VII ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO. SOBRAL-CE, Ceará, 2014. **Percepção De Profissionais De Psicologia Frente à Situação do Abuso Sexual Infantil**.Ceará,p 1- 10.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de Historia de Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MOURA, Ana Cristina Amaral Marcondes de; SCODELARIO, Arlete Salgueiro; CAMARGO, Cecília Noemi Morelli Ferreira de; FERRARI, Dalka Chaves de Almeida; MATTOS, Gisela de Oliveira; MIYAHARA, Rosemary Peres. Informação: A principal arma contra a violência. **Reconstrução de Vidas. Como prevenir e enfrentar a violência doméstica, o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes**. 1. ed. São Paulo. Diretoria do Instituto Sedes Sapientiae, 2008.cap.3.

PELISOLI, Cátula; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. As Contribuições da Psicologia para o Sistema de Justiça em Situações de Abuso Sexual. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.67, n.1, p.51-67, 2015.